

A GLOSA

Minha primeira experiência em trabalho voluntário foi em 1975. Meu pai me chamou para ajudar a Santa Casa de Franca que passava por dificuldades financeiras (desde sempre foi e continua sendo assim) à época por conta da glosa de pagamentos pelo antigo INPS de serviços médicos prestados e que o Instituto de Previdência avaliava não estarem corretos, lembrando que o SUS não existia, era ainda tempo da ditadura militar. O material era todo registrado manualmente ou em máquinas de datilografia. O grupo, com muitos bancários, apenas eu era arquiteto, trabalhava a noite nos escritórios da Santa Casa que ficavam no térreo do então chamado “prédio novo” que ainda estava em construção. Eram em sua maioria, como meu pai, pertencentes à maçonaria (menos eu, nunca fui bode preto), grupo que acabaria sendo responsável até hoje pela administração da centenária e filantrópica instituição hospitalar da Santa Casa.

Qual era o serviço? Primeiro, checar do que se tratava a glosa, termo que significa a recusa, total ou parcial, de pagamento por um serviço ou produto por parte de quem está pagando devido a erros, inconsistências ou falta de conformidade com o contrato. É uma forma de dizer "não" ao pagamento de uma conta ou parte dela, com base em critérios definidos. Tínhamos que comparar o que havia sido glosado pelo INSS com o que havia na ficha do serviço apresentada pela Santa Casa – uma cirurgia de fimose que continha 200 m de esparadrapo e gaze, um curativo na cabeça com 10 kg de algodão, duas tipoias para um braço só operado, coisas assim, nada havia de má-fé ou superfaturamento, eram erros de lançamento ou resultado das “letras de médico”, hieróglifos que ninguém conseguia decifrar nem com a Pedra da Roseta em mãos. A cada erro identificado, corrigíamos os valores e a Santa Casa podia receber o correto pelo serviço efetivamente realizado. Foram muitas e muitas noites fazendo esse trabalho, na época não imaginava como o serviço voluntário seria importante e faria parte da minha vida até hoje, como de meu pai, que chegou a ser vice-provedor da Santa Casa, mas problemas de visão o afastaram desse tipo de atividade voluntária.

Hoje, a Santa Casa tem um forte e estruturado corpo de voluntários, especialmente no Hospital do Coração e do Câncer, organizado em torno do Centro de Voluntários da Saúde de Franca, uma associação filantrópica sem fins lucrativos fundada em 2001 por um grupo da sociedade francana. Ainda nos anos 1980, fui um dos fundadores e coordeno até hoje o movimento do Laboratório das Artes de Franca, que também sobrevive do serviço voluntário de artistas da cidade, reconhecido como um espaço importante para o desenvolvimento cultural da cidade. Na vida profissional também encontrei na UNESP de Franca o espaço para continuar atuando voluntariamente na universidade como docente e pesquisador, no ensino, pesquisa e extensão após a aposentadoria da UEMG de Passos, já são dez anos como voluntário na universidade pública.

Se “a vida é uma história contada por um idiota, cheia de som e de fúria, sem sentido algum” como escreveu William Shakespeare, penso que um de seus propósitos é servir sem ilusões para melhorar a vida de todos e sem pensar em recompensas, pois a injustiça é uma das mais fortes inclinações dos humanos. Estão aí líderes como Trump, Bozonaro, Netanyahu, Putin e suas guerras sangrentas ou imaginárias a transformar o presente pra pior.

Mauro Ferreira é arquiteto